

XXXII CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI SÃO PAULO - SP

CONSTITUIÇÃO, TEORIA CONSTITUCIONAL E DEMOCRACIA I

CAIO AUGUSTO SOUZA LARA

RUBENS BEÇAK

MICHELLE ASATO JUNQUEIRA

Todos os direitos reservados e protegidos. Nenhuma parte destes anais poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria - CONPEDI

Presidente - Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini - FMU - São Paulo

Diretor Executivo - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC - Santa Catarina

Vice-presidente Norte - Prof. Dr. Jean Carlos Dias - Cesupa - Pará

Vice-presidente Centro-Oeste - Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG - Goiás

Vice-presidente Sul - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Unisinos - Rio Grande do Sul

Vice-presidente Sudeste - Profa. Dra. Rosângela Lunardelli Cavallazzi - UFRJ/PUCRio - Rio de Janeiro

Vice-presidente Nordeste - Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP - Pernambuco

Representante Discente: Prof. Dr. Abner da Silva Jaques - UPM/UNIGRAN - Mato Grosso do Sul

Conselho Fiscal:

Prof. Dr. José Filomeno de Moraes Filho - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Caio Augusto Souza Lara - SKEMA/ESDHC/UFMG - Minas Gerais

Prof. Dr. Valter Moura do Carmo - UFERSA - Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Fernando Passos - UNIARA - São Paulo

Prof. Dr. Ednilson Donisete Machado - UNIVEM/UENP - São Paulo

Secretarias

Relações Institucionais:

Prof. Dra. Claudia Maria Barbosa - PUCPR - Paraná

Prof. Dr. Heron José de Santana Gordilho - UFBA - Bahia

Profa. Dra. Daniela Marques de Moraes - UNB - Distrito Federal

Comunicação:

Prof. Dr. Robison Tramontina - UNOESC - Santa Catarina

Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho - UPF/Univali - Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS - Sergipe

Relações Internacionais para o Continente Americano:

Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch - UFSM - Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Paulo Roberto Barbosa Ramos - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Felipe Chiarello de Souza Pinto - UPM - São Paulo

Relações Internacionais para os demais Continentes:

Profa. Dra. Gina Vidal Marcilio Pompeu - UNIFOR - Ceará

Profa. Dra. Sandra Regina Martini - UNIRITTER / UFRGS - Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Maria Claudia da Silva Antunes de Souza - UNIVALI - Santa Catarina

Educação Jurídica

Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr - Unicuritiba - PR

Prof. Dr. Rubens Beçak - USP - SP

Profa. Dra. Livia Gaigher Bosio Campello - UFMS - MS

Eventos:

Prof. Dr. Yuri Nathan da Costa Lannes - FDF - São Paulo

Profa. Dra. Norma Sueli Padilha - UFSC - Santa Catarina

Prof. Dr. Juraci Mourão Lopes Filho - UNICHRISTUS - Ceará

Comissão Especial

Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim - UFRJ - RJ

Profa. Dra. Maria Creusa De Araújo Borges - UFPB - PB

Prof. Dr. Antônio Carlos Diniz Murta - Fumec - MG

Prof. Dr. Rogério Borba - UNIFACVEST - SC

C755

Constituição, teoria constitucional e democracia I[Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI

Coordenadores: Caio Augusto Souza Lara, Rubens Beçak, Michelle Asato Junqueira – Florianópolis: CONPEDI, 2025.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5274-349-7

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: Os Caminhos Da Internacionalização E O Futuro Do Direito

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Encontros Nacionais. 2. Constituição. 3. Teoria constitucional. XXXII Congresso

Nacional do CONPEDI São Paulo - SP (4: 2025 : Florianópolis, Brasil).

CDU: 34



XXXII CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI SÃO PAULO - SP

CONSTITUIÇÃO, TEORIA CONSTITUCIONAL E DEMOCRACIA I

Apresentação

CONSTITUIÇÃO, TEORIA CONSTITUCIONAL E DEMOCRACIA I

Os artigos contidos nesta publicação foram apresentados no Grupo de Trabalho Constituição, Teoria Constitucional e Democracia I durante o XXXII Congresso Nacional do Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Direito - CONPEDI, realizado dos dias 26 a 28 de novembro de 2025, sob o tema geral “Os caminhos da internacionalização e o futuro do Direito”. O evento foi promovido por esta sociedade científica do Direito e a Universidade Presbiteriana Mackenzie, com diversos patrocinadores e apoiadores institucionais.

A apresentação dos trabalhos abriu caminho para uma importante discussão, em que os pesquisadores do Direito puderam interagir em torno de questões teóricas e práticas, levando-se em consideração a temática central grupo. Essa temática traz consigo os desafios que as diversas linhas de pesquisa jurídica enfrentam no tocante ao estudo dos referenciais teóricos do Direito Constitucional e dos reflexos do constitucionalismo na atuação dos Poderes da República no país.

Os trabalhos reunidos oferecem um panorama denso e plural dos desafios contemporâneos do constitucionalismo e da democracia, articulando teoria, dogmática jurídica e análise empírica. As pesquisas abordam, sob diferentes enfoques, a crise e a reinvenção da participação democrática, seja pela análise crítica do orçamento participativo e de sua colonização partidária, com a proposição do sorteio como alternativa deliberativa, seja pela reflexão sobre o valor do dissenso na democracia. Temas como cidadania digital, desinformação eleitoral e regulação das redes sociais evidenciam a urgência de novas formas de ciberregulação compatíveis com a liberdade de expressão e a integridade dos processos democráticos. Também se destacam investigações interdisciplinares, como a análise neurocomportamental da retórica populista, que ilumina os mecanismos psicológicos de mobilização política, ampliando o diálogo entre Direito, neurociência e teoria democrática.

Outro eixo central concentra-se na jurisdição constitucional e em seu impacto sobre o arranjo político-institucional brasileiro. Os textos examinam criticamente o papel do Supremo Tribunal Federal na efetivação dos direitos fundamentais, na concretização do princípio da igualdade social, na redefinição do foro por prerrogativa de função e nos dilemas do ativismo judicial, da judicialização da política e da autonomia municipal. A tensão entre formalismo e

responsividade, a ponderação de princípios no controle de constitucionalidade, os efeitos da expansão judicial sobre a democracia e a exigência de prévio requerimento administrativo revelam os limites e as potencialidades do constitucionalismo contemporâneo. Completam esse quadro reflexões teóricas sobre liberdade, trabalho, livre iniciativa, democracia militante, anistia para crimes contra o Estado e hospitalidade urbana, compondo um mosaico crítico que reafirma o compromisso acadêmico com a defesa da Constituição, da democracia e dos direitos fundamentais em tempos de instabilidade e transformação.

Deste modo, na coletânea que agora vem a público, encontram-se os resultados de pesquisas desenvolvidas em diversos Programas de Pós-graduação em Direito, nos níveis de Mestrado e Doutorado, com artigos rigorosamente selecionados, por meio de dupla avaliação cega por pares (double blind peer review). Dessa forma, todos os artigos ora publicados guardam sintonia direta com este Grupo de Trabalho.

Agradecemos a todos os pesquisadores pela sua inestimável colaboração e desejamos uma ótima e proveitosa leitura!

Caio Augusto Souza Lara

Michelle Asato Junqueira

Rubens Beçak

ANÁLISE NEUROCOMPORTAMENTAL DA RETÓRICA POPULISTA: COMO POPULISTAS USAM MECANISMOS PSICOLÓGICOS PARA ANGARIAR APOIO POPULAR

NEUROBEHAVIORAL ANALYSIS OF POPULIST RHETORIC: HOW POPULISTS USE PSYCHOLOGICAL MECHANISMS TO GARNER POPULAR SUPPORT

**Geraldo Magela Pinto de Souza Júnior
José Claudio Monteiro de Brito Filho
Jean Carlos Dias**

Resumo

Este trabalho busca investigar os mecanismos psicológicos subjacentes à retórica de governos populistas, dando ênfase à importância de se compreender não apenas a natureza teórica do populismo, mas também seus aspectos subjetivos e práticos a partir de uma análise neurocomportamental. O trabalho usa metodologia qualitativa de revisão narrativa da literatura para, primeiramente, contextualizar o fenômeno do populismo a partir de três vertentes: como ideologia, como prática política e como uma patologia da democracia, mostrando que, independentemente da perspectiva, fatores psicológicos permeiam todas. Em seguida, discute-se o papel das heurísticas e vieses cognitivos, evidenciando como esses atalhos mentais facilitam decisões, mas também tornam indivíduos suscetíveis à influência de discursos e narrativas populistas. Após, o texto aborda a relevância das emoções, que antecedem o processamento racional e orientam julgamentos, bem como o papel do contexto social e a tendência ao conformismo grupal. Por fim, descreve como governos populistas utilizam estrategicamente esses elementos psicológicos em seis etapas cíclicas, construindo crises, antagonismos e soluções simplistas para problemas complexos. Conclui-se que a análise do impacto do populismo sobre o comportamento social é fundamental para futuras pesquisas, uma vez que tais estratégias retóricas não apenas angariam seguidores, mas também moldam a percepção e as decisões coletivas na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Populismo, Análise neurocomportamental, Retórica política, Heurística, Comportamento social

Abstract/Resumen/Résumé

This paper aims to investigate the psychological mechanisms underlying the rhetoric of populist governments, emphasizing the importance of understanding not only the theoretical nature of populism but also its subjective and practical aspects through neurobehavioral analysis. The paper uses a qualitative narrative literature review methodology to first contextualize the phenomenon of populism from three perspectives: as an ideology, as a political practice, and as a pathology of democracy, demonstrating that, regardless of perspective, psychological factors permeate all. Next, the text discusses the role of heuristics and cognitive biases, highlighting how these mental shortcuts facilitate decisions but also

make individuals susceptible to the influence of populist discourses and narratives. The text then addresses the relevance of emotions, which precede rational processing and guide judgments, as well as the role of social context and the tendency toward group conformity. Finally, it describes how populist governments strategically utilize these psychological elements in six cyclical stages, constructing crises, antagonisms, and simplistic solutions to complex problems. It concludes that analyzing the impact of populism on social behavior is crucial for future research, since such rhetorical strategies not only garner followers but also shape collective perception and decisions in contemporary society.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Populism, Neurobehavioral analysis, Political rhetoric, Heuristics, Social behavior

Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar como mecanismos psicológicos são usados nas retóricas populistas para persuadir, mobilizar e manter apoio popular. Em outras palavras, busca mostrar como estas estratégias de comunicação política agem sobre o desenvolvimento de crenças se utilizando de emoções, vieses cognitivos e elementos de psicologia social para simplificar o contexto político, desenvolver polarização e direcionar as escolhas individuais em prol do líder populista.

O populismo apareceu como um dos fenômenos políticos mais relevantes do final do século XX e do início do século XXI, influenciando democracias em diferentes contextos globais. Apesar de ser um termo muito usado nas explicações sobre atitudes de governos e de seus governantes, essa aplicação tende a ser feita de modo muito amplo e, várias vezes, sem critério (Fuentes, 2020; Skenderovic, 2021).

Isto porque estamos tratando de um fenômeno político complexo e fluido (Diehl, 2022) que tem encontrado muitos debates acadêmicos sobre a sua natureza e relação com governos democráticos (Skenderovic, 2021). Para uns, estamos tratando de uma ideologia fina (Mudde; Rovira Kaltwasser, 2018); para outros, um modo de fazer política (Mouffe, 2019). Há ainda os que acreditam que ele é uma doença da democracia (Genel, 2020).

Em comum às divergências conceituais existentes, uma de suas características destacadas é a retórica polarizadora de seus líderes, a qual, separa o “povo” das “élites” e que, apesar de possuir conteúdo simplista tem a capacidade de moldar o imaginário popular, persuadir a crença social e influenciar o comportamento (Sánchez, 2022).

Sua ascensão em períodos de crise econômica (Guriev; Papaioannou, 2022), desigualdade social (Ivanov, 2023) e desconfiança institucional (Huber; Greussing; Eberl, 2022) levanta a necessidade de se perguntar como os líderes populistas conseguem conquistar tanto apoio, os quais, por muitas vezes, custam a coesão social e a estabilidade democrática.

Assim, sem ignorar os estudos teóricos que debatem as delimitações conceituais ao tema, acreditamos ser importante analisar mais fundo: como mecanismos psicológicos são usados nas retóricas populistas para a conquista e manutenção do apoio popular?

Primeiro, o populismo explora vulnerabilidades psicológicas universais (Şakar, 2024) como a necessidade de pertencer a um grupo, o medo do "outro" e a busca por certezas em tempos de incerteza (Bronk; Jacoby, 2020). Esses fatores aumentam a polarização e, por consequência dificultam a possibilidade de diálogo e debates democrático.

Em segundo lugar, a persuasão psicológica empregada por populistas pode comprometer a capacidade reflexiva das pessoas na tomada de decisão, o que implica

pensamentos e respostas que priorizam emoções imediatas em detrimento de análises críticas baseadas em evidências (Hunter, 2024).

Por isso, fazer uma análise neurocomportamental do populismo, ou seja, usar de estudos interdisciplinares das neurociências, das psicologias cognitiva-comportamental e social, bem como da filosofia política, permite-nos esboçar a compreensão de como as narrativas construídas por líderes populistas impactam tão profundamente as crenças populacionais.

O texto está estruturado em três seções a partir de metodologia qualitativa de revisão narrativa da literatura. Primeiro, contextualizaremos o fenômeno do populismo, conceituando-o e apresentando suas características centrais. Em seguida, exploraremos os mecanismos psicológicos, a partir da cognição, das emoções e da socialização que sustentam a persuasão populista, incluindo. A terceira seção, por sua vez, analisa as estratégias retórica empregadas por populistas, apontando os mecanismos psicológicos utilizados.

1 O conceito e as características do populismo

Como vimos acima, existe um debate profícuo na academia sobre qual a natureza do populismo, contudo, para além das discussões internas aos acadêmicos, existe também o sentido aplicado no senso comum. Nesse sentido, Tushnet (2019) aponta duas formas de se começar a compreender o conceito de populismo: a estipulativa (*stipulative*) e a definicional (*definitional*).

A primeira aponta ao ato de se rotular algo ou alguém a partir de modo retórico e sem rigor científico. No caso, do populismo, estaria ligada a jornalistas, políticos ou outras pessoas que chamam uma pessoa ou uma ação de populista como forma de crítica (Tushnet, 2019). A segunda, mais acadêmica, é a discussão a qual nos interessa, busca através de metodologia científica apresentar critérios gerais para a definição e compreensão do fenômeno (Tushnet, 2019). Esta separação é importante para compreendermos a complexidade da discussão, bem como começar para antecipar os impactos dos seus usos retóricos. Isto porque o uso em si do termo “populista” ou “populismo” já pode carregar um tom pejorativo. Neste trabalho, contudo, daremos ênfase ao segundo aspecto, qual seja, a análise acadêmica do conceito.

Os primeiros e mais difundidos estudos sobre o populismo neste século o tratavam como uma ideologia que polarizava a sociedade em dois grupos antagônicos, o “povo” e as “elites” e que acreditava que a vontade geral do povo deveria ser o cerne da política (Aslanidis, 2016). Essa corrente afirma que é preciso entender o populismo como uma ideologia fina (*thin ideology*), pois ele possui um escopo programático, ainda que de forma limitada (Mudde; Rovira Kaltwasser, 2018). Ou seja, o populismo possuiria um ponto em comum, mas precisaria

se atrelar a elementos de outras ideologias a depender do contexto e atores envolvidos para se efetivar. Por exemplo, para Mudde e Rovira Kaltwasser (2018) se por um lado, o populismo de direita se associa a elementos nacionalistas e étnicos, por outro, o populismo de esquerda se aproxima de elementos socialistas.

Nesse sentido, o conceito de populismo como ideologia para os autores (Mudde; Rovira Kaltwasser, 2017, p. 6), em tradução nossa, seria:

Uma ideologia fina de centro que considera que a sociedade está, em última análise, separada em dois campos homogêneos e antagônicos, “o povo puro” versus “a elite corrupta”, e que argumenta que a política deve ser uma expressão da volonté générale (vontade geral) do povo.

A perspectiva ideológica destaca a capacidade do populismo de se adaptar a diferentes contextos políticos, pois ofereceria uma forma inicial de ideias normativas sobre a natureza e organização socio-política (Mudde; Rovira Kaltwasser, 2017). Contudo, críticos dessa abordagem, apontam que o populismo não pode ser tratado como uma ideologia porque ele apenas mimetiza, no sentido de simular, as ideologias que lhe importa para a manutenção momentânea do poder (Brito Filho, 2023). Isto porque, ainda que existam elementos comuns nos governos populistas, as visões de mundo são tão díspares que se torna inviável enquadrar como uma ideologia (Brito Filho, 2023).

Em outras palavras, o principal ponto para não tratar o populismo como uma ideologia é que lhe falta coerência (Aslanidis, 2016). Esta questão conceitual importa não só para fins de rigor acadêmico, mas, na prática, significa trazer normatividade para a questão, forçando analistas a assumirem lados de defesa ou ataque e prejudicando a qualidade das pesquisas sobre o tema (Aslanidis, 2016). Além disso, a visão ideológica pode subestimar os aspectos práticos e discursivos do populismo, que são centrais para sua eficácia psicológica, como veremos nas seções seguintes.

A abordagem que critica o populismo como uma ideologia enxerga-o como um modo de fazer política (Laclau, 2005; Mouffe, 2018), ou seja, como uma prática que visa uma estratégia discursiva para construir antagonismos e mobilizar demandas populares. Nesta visão, o populismo aparece com a articulação por parte de um grupo de várias demandas sociais não atendidas, que criam uma identidade coletiva na formação de um grupo e que desenvolve um inimigo comum que dificulta ou impede a consecução dessas demandas (Thomassen, 2024).

Nesse sentido, o populismo é menos sobre um conteúdo ideológico fixo, havendo exemplos à esquerda e à direita do espectro político, e mais sobre a construção de uma lógica política que divide a sociedade em "nós" (o povo) e "eles" ("elites") (Thomassen, 2024).

Brito Filho (2023), concordando que o populismo é uma forma de se fazer política elenca três elementos básicos: o líder ou populista; o povo; e as elites. Sobre o populista, este pode ser tanto uma pessoa quanto um partido ou grupo que consegue aglutinar pessoas em torno do seu discurso. Para que consiga efetividade o líder precisa ter carisma suficiente para personalizar em si as ideias básicas do grupo, bem como, ter uma expectativa paternalista de cuidado e proteção para com os seus. Assim, ele não só representa o povo como o personifica (Brito Filho, 2023).

Quanto ao povo, este é a massa de pessoas que se torna homogênea em torno do líder e que representa a epítome daqueles que sofrem os atos das elites. Aqui, povo não está, necessariamente, tratando de todas as pessoas de um local, mas aqueles aos quais o populista se dirige para arregimentar poder (Brito Filho, 2023). Por fim, as elites são o contraponto que ligam o líder populista ao povo. Ela é, dessa forma, o adversário que deve ser vencido, hostilizado e que detém algum poder para impedir o povo de conquistar seus direitos e melhorar de vida. Ela se apresenta no plural porque pode ser qualquer grupo que o líder apontar como inimigo (Brito Filho, 2023).

Uma abordagem alternativa as visões como ideologia e como modo de se fazer política é a que vê o populismo como uma forma de patologia, seja da democracia (Genel, 2020) ou, seja da sociedade (Zamora, 2022). Nessas visões, o populismo é uma desconfiança generalizada às instituições como uma consequência ao modo de vida das pessoas que passam a ser cada vez mais distantes da política ou de relacionamentos mais profundos com as pessoas comunidade (Dufek; Ruzicka, 2025).

Ainda que exista divergências claras sobre a natureza dos regimes populistas, estas perspectivas começam a nos mostrar como o populismo tem muita capacidade de mobilização popular porque explora vulnerabilidades humanas universais (Şakar, 2024). Especialmente por se aproveitar de crises onde a confiança nas instituições tradicionais é abalada para angariar poder (Moffitt, 2015).

2 Mecanismos Psicológicos da Persuasão Populista

Nesta seção, iremos apresentar como o discurso persuasivo populista age em três aspectos psicológicos: cognitivo, emocional e social. Cada um desses aspectos costuma ser explorado por líderes populistas para maximizar o impacto de suas mensagens.

A literatura da psicologia cognitivo-comportamental mostra que os seres humanos frequentemente tomam decisões com base em heurísticas, ou atalhos mentais, que simplificam o processamento de informações complexas (Simon; Newell, 1958; 1971). Elas são um

processo natural usado por nosso cérebro para dar conta de filtrar e processar todas as inúmeras informações presentes no momento em que fazemos uma escolha. Em outras palavras, elas simplificam e agilizam o processo cognitivo (Tversky; Kahneman, 1974).

Dada a nossa racionalidade limitada (Simon, 2000), diversos aspectos contextuais impactam naquilo que a pessoa processa de informação, acredita ser verdadeiro e, por consequência, decide. Eles podem ser internos como as nossas emoções; aspectos fisiológicos (cansaço, estresse, etc); ou externos como o local ou as pessoas que nos cercam.

Nós usamos em nosso cérebro, por exemplo, atalhos mentais como decidir a partir das informações que são mais fáceis de se recuperar na memória (heurística da disponibilidade); a partir das coisas que mais gostamos ou queremos que ocorram (heurística do afeto); ou a partir de estereótipos sobre a probabilidade de algo ocorrer (heurística da representatividade) (Tversky; Kahneman, 1974).

Um ponto importante sobre a forma como processamos informações a partir de heurísticas é que elas estão diretamente ligadas a incerteza (Tversky; Kahneman, 1974). Só precisamos de uma ferramenta cognitiva como as heurísticas porque não somos oniscientes e nem temos capacidade computacional para processar todas as informações necessárias para desenvolver uma crença em algo ou tomar uma decisão.

Se por um lado as heurísticas são uma ferramenta fundamental para conseguirmos pensar e decidir sobre tudo a nossa volta, por outro, elas tendem a nos fazer cair em erros sistemáticos de julgamento, os vieses cognitivos (Tversky; Kahneman, 1974). Estes funcionam como ilusões de ótica onde percebemos uma situação de modo distorcido pelas falhas cognitivas de processá-las.

Por exemplo, o viés de confirmação é a tendência de procurar, interpretar, julgar ou decidir por fatos, informações, ideias ou pessoas que corroborem nossas crenças anteriores (Mercier, 2022); o efeito auréola (*halo effect*) diz que temos a tendência a julgar o caráter das pessoas pela sua aparência (Nicolau; Mellinas; Martín-Fuentes, 2020); outro exemplo é o efeito de enquadramento (*framing effect*) que aponta a tendência de nossas escolhas serem influenciadas a depender de como as opções nos são apresentadas (Tversky; Kahneman, 1981); por fim, um último exemplo é o viés de grupo o qual nos fala sobre a tendência de decidir de acordo com o grupo ao qual pertencemos (Aktukun, 2024).

O ponto desta seção não é trazer uma listagem exaustiva dos vieses cognitivos que nos afligem, até porque fugiria do escopo do trabalho, porém é de nosso interesse mostrar como eles podem impactar na recepção de discursos populistas e como os próprios populistas estão sujeitos a eles.

Exemplificando, mesmo em estudos que buscaram neutralizar os efeitos de *fake news* as pessoas tiveram tendências a polarizar em redes sociais e a ter atitudes populistas (Hakobyan; Koulovatianos, 2019). De modo semelhante, o efeito aureola teve impacto robusto nas escolhas de candidatos em eleição na França (Evans; Ivaldi, 2021). Por sua vez, a maneira como uma mensagem foi escrita (enquadrada) teve o efeito de convencer mais pessoas a confiar em afirmações populistas (Dekeyser; Roose, 2023). O estudo de Peresman *et al* (2025) encontrou tanto uma relação negativa entre pessoas que defendem populistas com vontade de procurar opiniões de especialistas, quanto uma relação positiva para criticar tais opiniões quando estas eram pedidas.

Os impactos são ainda maiores porque, como vimos, as heurísticas e os vieses cognitivos só existem, pois estamos a todo momento em ambientes de incerteza dada a nossa natureza limitada e falível. Assim, o aumento de incerteza em um contexto tende a nos fazer mais propensos a aceitar respostas fáceis, simplistas e enviesadas para nos permitir adequar nossas expectativas de soluções dos problemas existentes (Bronk; Jacoby, 2020).

Tanto a nossa capacidade cognitiva quanto as suas falhas estão diretamente ligadas as nossas emoções. Há muito já se derrubou a ideia de que temos um pensamento racional puro como as ideias iluministas e racionalistas afirmavam (Damásio, 2012). Nós não somos máquinas computacionais algorítmicas, mas um organismo heurístico Gigerenzer (1997; 2004). Nosso cérebro não está isolado do corpo ao processar os estímulos ambientais, pelo contrário, ele está integrado organicamente a tudo o que sentimos e reage a partir de nossas emoções.

Não cabe ao escopo deste trabalho detalhar as diversas correntes sobre a natureza de nossas emoções, contudo precisamos explicar que elas são respostas complexas à estímulos internos ou externos que envolve, pelos menos, três elementos: o fisiológico, que significa as alterações corporais como liberação hormonal, variação cardiovascular, etc; o cognitivo que é o processamento e interpretação subjetiva a partir das experiências passadas, crenças e do contexto ao qual se está inserido; e o comportamento, que trata da expressão externa desses estímulos (Damásio, 2015).

Assim, não podemos separar a política de nossas emoções, da mesma forma como não podemos separar o corpo da mente. Todas as nossas crenças e decisões estão relacionadas ao que vivenciamos, sentimos e pensamos, sejam elas alegrias ou traumas (Maté; Maté, 2023). A política não só impacta como é impactada por elas. Em muitos casos, movimentos políticos surgem do ressentimento, medo ou angústia das pessoas, antes mesmo de querer impactá-las, porque nos influenciam no nível pré-cognitivo (Illouz, 2023).

Isto é, antes de conseguirmos processar conscientemente os fatos já fomos impactados pela sua sensação. Este é o principal efeito de associar ideias a símbolos, músicas e, como vimos, ao carisma de pessoas (Illouz, 2023). Mais à frente veremos que esse processo de relacionar símbolos a emoções das pessoas é a estratégia discursiva principal dos populistas (Ungureanu; Popartan, 2020). Por ora, precisamos compreender que nossas emoções são tanto uma resposta a realidade quanto aquilo que imaginamos ser a realidade (Illouz, 2023).

Illouz (2023) afirma que as emoções são usadas, especialmente, para legitimar as ações dos populistas e cita quatro exemplos: o medo, a aversão e o ressentimento ao inimigo, bem como o amor à pátria ou ao seu grupo são usados para legitimar ações autoritárias e dar mais poder aos líderes.

Quando somos impactados por emoções intensas como medo, raiva ou ressentimento, circuitos neurais relacionados a capacidade de pensamento crítico sofrem redução de ativação o que implica na busca por respostas simples, seguras e automáticas (Ledoux; Phelps, 1993; Pessoa, 2008). O discurso populista se aproveita desse cenário ao oferecer soluções fáceis para problemas complexos e insegurança constante (Rico; Guinjoan; Anduiza, 2017).

É nesse terreno afetivo que se dá a verdadeira batalha pela adesão das massas, pois da mesma forma que nosso cérebro não processa os estímulos, heurísticas e emoções no vácuo, nós, enquanto indivíduos, não vivemos sem contato social (Aslanidis, 2020). E é nesse aspecto social que os populistas vão encontrar mais um mecanismo psicológicos para se fortalecer e se legitimar.

Somos naturalmente influenciados a viver em sociedade e a buscar estar em conformidade com aqueles que convivemos (Cialdini; Goldstein, 2004) e isso é tão forte que a solidão é um fator preditivo a diversos transtornos mentais (Erzen; Çikrikci, 2018; Teo; Lerrigo; Rogers, 2013).

Para além disso, somos influenciados pela sociedade ao ponto de parte de nossa identidade estar ligada diretamente aos grupos aos quais pertencemos (Tajfel, Henri et al, 1979). Dessa forma, ao interagir com nosso grupo passamos, ainda que intuitiva e inconscientemente, a separar, a categorizar e a fazer comparações entre aqueles que estão conosco e aqueles que não estão (Ellemers; Haslam, 2012). Passamos a identificar características, crenças e comportamentos nossos que também fazem parte daqueles que nos cercam.

Em outras palavras, criamos noções rudimentares de “nós” e “eles”. Essa separação rudimentar já é um prenúncio da sensação de pertencimento, conformidade e compartilhamento de normas e valores. Esses grupos podem ser formados ao acaso, por meio de fatores

geográficos ou por algum outro fator externo, mas sempre que se formam influenciam o pensamento político conjunto (Parsons, 2015).

Desde a década de 1950, as pesquisas sobre os efeitos que as normas sociais nas escolhas humanas mostram que somos capazes de decidir contra nossa vontade, mesmo em situações ilógicas e imorais, quando a pressão social se torna intensa (Asch, 1955; 1956). Estes trabalhos indicaram como e o quanto nos conformamos com realidades injustas para não perder o apoio do grupo.

Nesse sentido, o efeito manada nos mostra como seres humanos buscam conformidade entre suas ações e as ações do grupo (*herd effect*), o qual trata da escolha impulsiva e em cadeia, conscientemente ou não, a partir das escolhas de um grupo (Banerjee, 1992). Um exemplo clássico está no mercado financeiro quando uma ação começa a ser vendida apenas por conta escolhas em cascata de outras pessoas a vendendo (Cipriani; Guarinoo, 2008).

O efeito manada nos mostra, ainda, como as influências que recebemos em sociedade podem funcionar tal qual um contágio patológico (Hodas; Lerman, 2014) e que governos populistas podem contagiar outras pessoas e outros países a seguirem seus passos (Kishishita; Yamagishi, 2019).

Feita essa apresentação de elementos de nossa psicologia como a cognição, as emoções e a sociabilidade passamos para a próxima seção, onde vamos aprofundar a forma como líderes e governos populistas se aproveitam destes elementos psicológicos naturais a todo ser humano para estabelecer e ampliar seu poder.

3 Estratégias Discursivas do Populismo

O discurso populista é construído para explorar os mecanismos psicológicos citados, pois como também vimos, ele carece de conteúdo próprio. Por isso, necessita buscar elementos na forma com que se comunica para captar a atenção para si e convencer sobre sua mensagem. Então, surge a necessidade de se desenvolver uma narrativa que crie crises e justifique o maniqueísmo entre o “povo” contra as “elites” ou “nós” contra “eles” (Ungureanu; Popartan, 2020).

Nesse sentido, os líderes populistas não apenas aproveitam os momentos de crise que naturalmente podem ocorrer, como também partem para desenvolvê-los, atiça-los e se aproveitar das incertezas presentes para agir (Moffitt, 2015). A narrativa, dessa forma, não é só sobre a postura do líder, do povo ou das elites, mas sobre, também, o ambiente em que todos esses elementos irão coexistir.

Para Moffitt (2015) o termo crise, neste contexto, deve ser compreendido como qualquer circunstância problemática que necessite de uma decisão de vida ou morte para mudar os rumos da história. É preciso recordar que essa necessidade faz parte também da narrativa mitológica do populista (Ungureanu; Popartan, 2020). Em outras palavras, para o populista basta que seja possível enviesar a narrativa circunstancial e, a partir de então, convencer as pessoas que um momento crítico existe.

Por isso, Moffitt (2015) aponta que existem seis passos principais na construção e aproveitamento de uma crise por um governo populista. São eles: primeiro, identificar um fracasso, seja social, cultural, econômico, ou qualquer situação problemática que possa ser enquadrada como crise; segundo, relacionar com outros fracassos para generalizar um padrão a fim de direcionar a responsabilidade a um grupo; terceiro, separar o “povo” dos, agora, responsáveis pela crise; quarto, usar mídias para propagar a narrativa; quinto, apresentar soluções simples a partir da sua liderança; e sexto, continuar a propagar outras crises.

Alguns aspectos merecem aprofundamento a partir deste modelo de Moffitt (2015). O líder populista precisa usar a linguagem mais simples e direta possível para alcançar o maior número de pessoas e transmitir o maior número de informações não verbais. Em outras palavras, como já mencionado, nossas emoções tem um impacto muito forte no processamento das informações e desenvolvimento de crenças porque operam em um nível pré-cognitivo (Illouz, 2023). Começamos a formar nossas impressões sobre um fato muito antes de encontrar palavras para ele. E, recordando o que foi tratado sobre a heurística da disponibilidade, quanto mais disponível na nossa memória uma informação, mais ela será usada para as nossas decisões (Tversky; Kahneman, 1974).

É aqui que entra a personalização da figura do líder como a pessoa capaz de solucionar os problemas existentes. Ela é necessária para atrair a atenção pelo carisma, intensificar o antagonismo pelas críticas e simplificar o processamento de informações para o povo. Nesse sentido, o líder populista funciona como uma heurística: fazer o que ele disser.

É importante recordar que a reflexão cognitiva já apresentou associação negativa com atitudes populistas (Hunter, 2024). Ou seja, pessoas que se identificam com o populismo ou com seus argumentos tendem a ser mais impulsivas, reagindo sem refletir sobre os fatos. Isto se coaduna com o impacto, outrora citado, que emoções intensas causam nos circuitos neurais envolvidos com planejamento, pensamento crítico e inibição comportamental (Ledoux; Phelps, 1993; Pessoa, 2008).

Um ponto importante de ser destacado é que o populista precisa equilibrar as emoções em sua retórica (Obradović; Power, 2020). Precisa usar um tom bélico com as “elites”, mas um tom amoroso que reforce a lealdade e pertencimento aos seus (Illouz, 2023).

Estes pontos mostram que, ainda que os estudos teóricos sobre a natureza do populismo tenham a sua importância, é importante não deixar de lado os seus aspectos subjetivos práticos. É preciso compreender como as pessoas reagem e vivenciam este fenômeno como uma forma de se buscar, antes de tudo, entender porque esse fenômeno continua em expansão.

5 Conclusão

Este trabalho buscou apresentar os mecanismos psicológicos da retórica de um governo populista. Ainda que possam haver discordâncias sobre a natureza do fenômeno, é inegável que a sua existência está diretamente ligada a como ele usa os problemas percebidos pela sociedade como um arranque para angariar seguidores, votos e poder.

Vimos, primeiramente, na delimitação do fenômeno, que ele costuma ser tratado pela literatura a partir de três natureza distintas. Como uma ideologia, como uma forma de se fazer política e como uma doença da democracia. No caso, apontamos que, não sendo o foco deste trabalho, não seria uma discussão mais aprofundada para encontrar uma resposta teórica, contudo, mostramos que os aspectos psicológicos discutidos estão presentes em ambas as formas.

A partir deste ponto, explicamos como nossa cognição processa informações a partir de uma ferramenta chamada heurísticas, atalhos mentais para simplificar a complexidade dos estímulos, e como o resultado dessa ferramenta costuma gerar erros sistemáticos em nossas decisões chamados vieses cognitivos. Esta compreensão se torna importante ao percebemos como existe a possibilidade de sermos enviesados por discursos, por narrativas e pela forma como os fatos nos são apresentados.

Vimos, depois, o quanto nossas emoções estão diretamente ligadas ao contexto em que vivemos e como elas surgem antes de qualquer processamento cognitivo. Significa que elas direcionam muito as nossas impressões sobre um fato e os julgamentos que faremos dele. Em sequência, tratamos de como meio social também nos influencia, especialmente, em como temos a tendência de querer estar conformidade com o grupo ao qual fazemos parte.

Por fim, apresentamos como governos populistas costumam usar esses elementos psicológicos através de seis passos que se retroalimentam e permitem ao populista desenvolver

crises a partir de estratégias narrativas para construir sua imagem, antagonizar polos e oferecer soluções simplistas para problemas complexos.

O trabalho tem a importância de mostrar, para futuras pesquisas, como governos populistas impactam o comportamento das pessoas e como essa é uma variável que não pode ficar de fora das discussões sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- AKTUKUN, Leyla Aylin. Exploring Groupthink Bias and Polarisation Bias. In: **Overcoming Cognitive Biases in Strategic Management and Decision Making**. IGI Global Scientific Publishing, 2024. p. 73-90.
- ASCH, Solomon E. Opinions and social pressure. **Scientific american**, v. 193, n. 5, p. 31-35, 1955.
- ASCH, Solomon E. Studies of independence and conformity: I. A minority of one against a unanimous majority. **Psychological monographs: General and applied**, v. 70, n. 9, p. 1, 1956.
- ASLANIDIS, Paris. Is populism an ideology? A refutation and a new perspective. **Political studies**, v. 64, n. 1_suppl, p. 88-104, 2016.
- ASLANIDIS, Paris. The social psychology of populism. In: **Mapping populism**. Routledge, 2020. p. 166-175.
- BANERJEE, Abhijit V. A simple model of herd behavior. **The quarterly journal of economics**, v. 107, n. 3, p. 797-817, 1992.
- BRITO FILHO, José Cláudio Monteiro de. **Justiça distributiva: temas de filosofia política**. Belo Horizonte: Editora B, 2023.
- BRONK, Richard; JACOBY, Wade. The epistemics of populism and the politics of uncertainty. **European Institute, LSE**, 2020. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=3539587>. Último acesso em 11/08/2025.
- CIALDINI, Robert B.; GOLDSTEIN, Noah J. Social influence: Compliance and conformity. **Annu. Rev. Psychol.**, v. 55, n. 1, p. 591-621, 2004.
- CIPRIANI, Marco; GUARINO, Antonio. Herd behavior and contagion in financial markets. **The BE Journal of Theoretical Economics**, v. 8, n. 1, 2008.
- DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. Editora Companhia das Letras, 2012.
- DAMÁSIO, António. **O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. Editora Companhia das Letras, 2015.
- DEKEYSER, Dieter; ROOSE, Henk. What makes populist messages persuasive? experimental evidence for how emotions and issue characteristics moderate populist framing effects. **Communication Research**, v. 50, n. 6, p. 773-797, 2023.
- DIEHL, Paula. For a complex concept of populism. **Polity**, v. 54, n. 3, p. 509-518, 2022.
- DUFEK, Pavel; RUZICKA, Adam. Nothing but a piano-key: populism as a consequence of relational pathology. **Frontiers in Political Science**, v. 7, p. 1522998, 2025.

- ELLEMERS, Naomi; HASLAM, S. Alexander. Social identity theory. **Handbook of theories of social psychology**, v. 2, p. 379-398, 2012.
- ERZEN, Evren; ÇIKRIKCI, Özkan. The effect of loneliness on depression: A meta-analysis. **International Journal of Social Psychiatry**, v. 64, n. 5, p. 427-435, 2018.
- EVANS, Jocelyn; IVALDI, Gilles. Contextual effects of immigrant presence on populist radical right support: testing the “halo effect” on front national voting in France. **Comparative Political Studies**, v. 54, n. 5, p. 823-854, 2021.
- FUENTES, Juan Francisco. Populism: The timeline of a concept. **Contributions to the History of Concepts**, v. 15, n. 1, p. 47-68, 2020.
- GENEL, Katia. On Some Pathologies of Democracy: Authoritarianism, Prejudice, Populism: Towards a Critical Theory of Democracy?. **Azimuth: philosophical coordinates in modern and contemporary age**: 16, 2, 2020, p. 57-69, 2020.
- GIGERENZER, Gerd. Bounded rationality: Models of fast and frugal inference. **Swiss Journal of Economics and Statistics**, v. 133, n. 2/2, p. 201-218, 1997.
- GIGERENZER, Gerd. Striking a Blow for Sanity in Theories. **Models of a man: Essays in memory of Herbert A. Simon**, p. 389, 2004.
- GURIEV, Sergei; PAPAOANNOU, Elias. The political economy of populism. **Journal of Economic literature**, v. 60, n. 3, p. 753-832, 2022.
- Hakobyan, Zaruhi and Koulouvatianos, Christos. Populism and Polarization in Social Media Without Fake News: The Vicious Circle of Biases, Beliefs and Network Homophily. **CFS Working Paper**, No. 626, 2019. Disponível em: SSRN: <https://ssrn.com/abstract=3435817> Último acesso em: 11/08/2025
- HODAS, Nathan O.; LERMAN, Kristina. The simple rules of social contagion. **Scientific reports**, v. 4, n. 1, 2014.
- HUBER, Robert A.; GREUSSING, Esther; EBERL, Jakob-Moritz. From populism to climate scepticism: the role of institutional trust and attitudes towards science. **Environmental Politics**, v. 31, n. 7, p. 1115-1138, 2022.
- HUNTER, Andrew. The populist impulse: Cognitive reflection, populist attitudes and candidate preferences. **Electoral Studies**, v. 92, 2024.
- ILLOUZ, Eva. **The emotional life of populism: How fear, disgust, resentment, and love undermine democracy**. John Wiley & Sons, 2023.
- IVANOV, Denis. Socio-Economic Inequality and Populism: A Theoretical Framework of Analysis. **Köz-gazdaság-Review of Economic Theory and Policy**, v. 18, n. 1, p. 81-103, 2023.

- LACLAU, Ernesto. Populism: What's in a Name?. **Populism and the Mirror of Democracy**, v. 48, 2005.
- LEDOUX, Joseph E.; PHELPS, Elizabeth A. Emotional networks in the brain. **Handbook of emotions**, v. 109, p. 118, 1993.
- MATÉ, Gabor; MATÉ, Daniel. **O mito do normal: trauma, saúde e cura em um mundo doente**. Rio de Janeiro: Sextante, 2023.
- MERCIER, Hugo. Confirmation bias—myside bias. In: **Cognitive illusions**. Routledge, 2022. p. 78-91.
- MOFFITT, Benjamin. How to perform crisis: A model for understanding the key role of crisis in contemporary populism. **Government and Opposition**, v. 50, n. 2, p. 189-217, 2015.
- MOUFFE, Chantal. **For a left populism**. E-book: Verso Books, 2018.
- MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. **Populism: A very short introduction**. Oxford University Press, 2017.
- MUDDE, Cas; ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal. Studying populism in comparative perspective: Reflections on the contemporary and future research agenda. **Comparative political studies**, v. 51, n. 13, p. 1667-1693, 2018.
- NICOLAU, Juan Luis; MELLINAS, Juan Pedro; MARTÍN-FUENTES, Eva. The halo effect: A longitudinal approach. **Annals of Tourism Research**, v. 83, p. 102938, 2020.
- PARSONS, Bryan M. The social identity politics of peer networks. **American Politics Research**, v. 43, n. 4, p. 680-707, 2015.
- PESSOA, Luiz. On the relationship between emotion and cognition. **Nature reviews neuroscience**, v. 9, n. 2, p. 148-158, 2008.
- PERESMAN, Adam et al. Do populists listen to expertise? A five-country study of authority, arguments, and expert sources. **Political Studies**, 2025.
- RICO, Guillem; GUINJOAN, Marc; ANDUIZA, Eva. The emotional underpinnings of populism: How anger and fear affect populist attitudes. **Swiss Political Science Review**, v. 23, n. 4, p. 444-461, 2017.
- ŞAKAR, Zübeyir. Psycho-political reasons of rising populism and populist movements. **Politik Psikoloji Dergisi**, v. 4, n. 2, 2024.
- SÁNCHEZ, Érika Castañeda. Populismo, retórica y democracia. Una aproximación al funcionamiento de la retórica populista. **Revista Filosofía UIS**, v. 21, n. 1, p. 243-266, 2022.
- SIMON, Herbert A.; NEWELL, Allen. Heuristic problem solving: The next advance in operations research. **Operations research**, v. 6, n. 1, p. 1-10, 1958.

- SIMON, Herbert A.; NEWELL, Allen. Human problem solving: The state of the theory in 1970. **American psychologist**, v. 26, n. 2, p. 145, 1971.
- SKENDEROVIC, Damir. Populism: A history of the concept. In: **Political Populism**. Nomos Verlagsgesellschaft mbH & Co. KG, 2021. p. 47-64.
- TAJFEL, Henri et al. An integrative theory of intergroup conflict. **Organizational identity: A reader**, v. 56, n. 65, 1979.
- TEO, Alan R.; LERRIGO, Robert; ROGERS, Mary AM. The role of social isolation in social anxiety disorder: A systematic review and meta-analysis. **Journal of anxiety disorders**, v. 27, n. 4, p. 353-364, 2013.
- THOMASSEN, Lasse. Ernesto Laclau, Chantal Mouffe and the discursive approach. In: **Research Handbook on Populism**. Edward Elgar Publishing, 2024. p. 142-153.
- TUSHNET, Mark. Varieties of populism. **German Law Journal**, v. 20, n. 3, p. 382-389, 2019.
- TVERSKY, Amos; KAHNEMAN, Daniel. The framing of decisions and the psychology of choice. **science**, v. 211, n. 4481, p. 453-458, 1981.
- UNGUREANU, Camil; POPARTAN, Alexandra. Populism as narrative, myth making, and the 'logic' of political emotions. **Journal of the British Academy**, v. 8, n. s1, p. 37-43, 2020.
- ZAMORA, Justo Serrano. Is populism a social pathology? The myth of immediacy and its effects. **European Journal of Social Theory**, v. 25, n. 4, p. 578-595, 2022.